



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN- MODA

CRISNA SAMPAIO LIMA

**RECEPTÁCULO DE MEMÓRIAS: SIMBOLISMO DAS ROUPAS USADAS NA
CERIMÔNIA DE BATISMO EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE- CE**

FORTALEZA

2020

CRISNA SAMPAIO LIMA

**RECEPTÁCULO DE MEMÓRIAS: SIMBOLISMO DAS ROUPAS USADAS NA
CERIMÔNIA DE BATISMO EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE- CE**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Design- Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Design-Moda.

Orientadora: Prof. Dra. Francisca R.N Mendes

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L697r Lima, Crisna Sampaio.
Receptáculo de memórias : simbolismo das roupas usadas na cerimônia de batismo em São Gonçalo do Amarante-CE / Crisna Sampaio Lima. – 2020.
52 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

1. Memória. 2. Roupas. 3. Batismo. 4. Simbolismo. I. Título.

CDD 391

CRISNA SAMPAIO LIMA

**RECEPTÁCULO DE MEMÓRIAS: SIMBOLISMO DAS ROUPAS USADAS NA
CERIMÔNIA DE BATISMO EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE - CE**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Design- Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Design-Moda.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Prof. Dr. Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Prof. Ma. Patrícia Montenegro Matos Albuquerque
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A minha mãe Selma Ferreira.

AGRADECIMENTO

Neste momento de imensa alegria tenho que agradecer a todas as pessoas que contribuíram com minha jornada até aqui.

A minha mãe Selma Ferreira, que sempre me apoiou e esteve comigo em todos os momentos da minha vida, nas horas alegres e tristes. Desde criança a senhora me ensinou como a educação tem um papel transformador na nossa vida e por isso serei eternamente grata. Sou privilegiada de ter você como mãe. A pessoa mais importante da minha vida. Te amo!

Aos meus amigos Fernando Castro, Kevin Figueredo e Matheus Martins. Há muitos anos que vocês fazem parte da minha vida, mesmo que com a correria do dia a dia a gente não encontre um tempo pra se encontrar já passamos por muita coisa juntos e meus sentimentos por vocês são enormes e não cabem nessas poucas linhas.

Aos amigos que conheci na faculdade e vou levar pra vida, Carolini Silva e Jarbas Matheus. Obrigada pelas conversas, risadas e por aguentarem minhas crises de ansiedade. Carol minha amiga de mil e um talentos, obrigada por me ajudar nas disciplinas de desenho e modelagem. Jarbas vou sentir sua falta no ica, desejo todo sucesso nessa sua nova fase.

As participantes das entrevistas, Ritinha, Socorro, Eleni, Lúcia e Maria sem vocês este trabalho não seria possível, agradeço imensamente por terem aceitado contarem suas histórias e compartilharem seus momentos mais íntimos, suas memórias e seus guardados.

A todos os professores que acreditaram no meu potencial e me fizeram crer que uma aluna que estudou a vida toda em escola pública também pode estar em uma Universidade Federal. Gostaria de agradecer especialmente ao meu professor de filosofia Humberto, até hoje lembro de suas aulas e sinto saudades.

As incríveis professoras que fizeram parte da minha banca examinadora Patrícia Montenegro e Emanuelle Kelly, obrigada por colaborarem com este trabalho. A banca dos sonhos.

Por fim, a minha orientadora maravilhosa Francisca Mendes. Você tem minha total admiração, além de ser uma professora espetacular ainda é nossa psicóloga, rs. Obrigada pela suporte durante todo esse período. Fran você é um exemplo de pessoa e de profissional, obrigada por tudo!

“Usas um vestido
Que é uma lembrança
Para o meu coração.
Usou-o outrora
Alguém que me ficou
Lembrada sem vista.
Tudo na vida
Se faz por recordações.
Ama-se por memória.”
(Álvaro de Campos)

RESUMO

O presente estudo busca compreender a importância da vestimenta como um instrumento de corporificação de memórias. A partir da análise de roupas de batismo dos filhos que foram preservadas por mães, que residem na cidade de São Gonçalo do Amarante-CE e batizaram seus filhos durante o período de 1978 a 1998. Com isso, busca-se descobrir como essas peças auxiliam na preservação de histórias familiares. A metodologia utilizada partiu inicialmente de uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de embasar teoricamente este estudo. Em seguida, foi feita uma pesquisa de campo onde se realizou entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres que preservam a roupa de batismo dos filhos. Além disso, foi feita uma pesquisa documental a partir da análise de fotos de batismo encontradas em álbuns de família, pois reconhece-se a importância dos álbuns de famílias para a preservação de memórias, funcionando como um arquivo que registra histórias familiares. A partir da realização das entrevistas, foi possível compreender o poder rememorativo de determinadas roupas. Assim, pode-se enxergar característica mais subjetivas da vestimenta, a roupa indo além de suas funções práticas e estéticas. Neste estudo a roupa é vista como um instrumento de preservação de histórias familiares, histórias estas que sobrevivem ao longo do tempo e são passadas de geração em geração.

Palavras-chave: Memória. Roupa. Batismo. Simbolismo.

ABSTRACT

The present study seeks to understand the importance of clothing as an instrument of embodiment of memories. From the analysis of children's baptism clothes that were preserved by mothers, who live in the city of São Gonçalo do Amarante-CE and baptized their children from 1978 to 1998. With this, we seek to find out how these pieces help in the preservation of family stories. The methodology used was initially based on a bibliographic research, aiming to theoretically support this study. Then a field research was conducted, where semi-structured interviews were conducted with five women who preserve their children's baptismal clothing. In addition, a documentary research was made based on the analysis of photos found in family albums, as it is recognized the importance of family albums for the preservation of memories, functioning as a file that records family stories. From the interviews, it was possible to understand the remembrance power of certain clothes. Thus, one can see more subjective characteristics of clothing, clothing going beyond its practical and aesthetic functions. In this study, clothing is seen as an instrument for preserving family stories, stories that survive over time and are passed on from generation to generation.

Keywords: Memory. Clothes. Baptism. Symbolism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01-	Roupa de batismo da filha de Ritinha preservada desde 1998	38
Figura 02-	Roupa de batismo da filha de Eleni preservada desde 1998	40
Figura 03-	Roupa de batismo da filha de Lúcia preservada desde 1984	42
Figura 04-	Roupas de batismo dos filhos de Socorro preservadas desde 1978, 1991 e 1998, respectivamente.....	45
Figura 05-	Roupa de batismo da filha de Maria Jovelina preservada desde 1996.....	46
Figura 06-	Fotos de batismo das filhas de Maria Jovelina e Ritinha, nascidas em 1996 e 1998, respectivamente	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	METODOLOGIA	18
2.1	Tipo de Pesquisa.....	18
2.2	Área de Abrangência	19
2.3	Plano de Análise de Dados	19
2.4	Tratamento de Dados	20
2.5	Categorias Analíticas	21
3	ESTUDOS SOBRE MEMÓRIA	22
3.1	Os objetos e suas ligações simbólicas	23
3.2	Roupa e Memória: Características Simbólicas Associadas à Vestimenta ..	24
4	O BATISMO COMO RITUAL DE PASSAGEM	26
5	SIMBOLISMO DAS ROUPAS DE BATISMO EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE	28
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

As formas de conservação do passado foram feitas de diferentes maneiras existindo em várias sociedades e em diferentes épocas, tais práticas ficaram conhecidas como mnemotécnicas, segundo Le Goff (1994). Para o autor a memória pode ser compreendida como a capacidade de preservar certas informações, sendo um conjunto de funções psíquicas que pode atualizar impressões e informações passadas.

Ainda conforme o historiador, nas sociedades sem escrita existiam algumas práticas de memorização, sendo o canto a principal delas. Na Grécia Antiga, os gregos transformaram a memória em deusa, *Mnemosine*, mãe das musas que protegem as Artes e a História, que revelava os poetas os segredos do passado. A partir disso, é possível notar que em diferentes épocas e sociedades se buscou recordar fatos passados.

A moda tem sido um dos fenômenos mais influentes na sociedade ocidental desde o Renascimento, de acordo com Svendsen (2010). Porém, muitas pessoas ainda tratam esse assunto como algo inferior e superficial, não sendo digno de questionamentos mais profundos. Entretanto, para além dos desfiles, tendências e ostentação, a moda também tem um lado social e cultural, indo além do mero consumismo.

Isso posto, compreende-se que o sistema de moda deve ser estudado de forma mais ampla, ressaltando características mais subjetivas. Dessa forma, ao pensarmos em roupas devemos pensar além de questões estéticas e começar também é refletir sobre características simbólicas. Assim, quando abrimos nosso guarda roupa encontramos algumas peças que sobrevivem ao longo do tempo, pois elas foram testemunhas de algum momento marcante da nossa vida, como por exemplo, um vestido de noiva ou uma peça herdada de família. Dessa forma, as roupas têm a capacidade de corporificarem memórias. Como destaca Stallybrass (2000) as roupas não estão apenas associadas à memória, elas são também um tipo de memória.

Um dos momentos mais marcantes da vida familiar especialmente em lares religiosos é o momento do batismo. O termo batizar vem do grego *baptô* e significa submergir. Dessa forma, o ato de batismo será a prática de mergulhar ou ser imerso nas águas de acordo com, Franco e Campos (2004). No entanto conforme os autores, este não é um rito de origem cristã, uma vez que, já era praticado em seitas no tempo de Jesus e também por Judeus.

De acordo com Nacif (2013) a partir do século XVI, a unidade religiosa que prevalecia no Ocidente Europeu, que era sustentada pela Igreja Católica perdeu força. A ordem católica se enfraquecia, perdendo fiés que se convertiam a outras religiões. Tentando solucionar essas questões e retomar o controle, a Igreja começou a adotar alguns mecanismos, baseado em dois pontos fundamentais:” a definição mais precisa do que consiste a doutrina oficial católica e a garantia de que os mecanismos que a transmitem e fiscalizam sua adoção se tornassem cada vez mais eficientes”, de acordo com, Nacif (2013 p.1). Assim a Igreja Católica garantiu sua expansão.

Dessa forma, uma das principais cerimônias de entrada na vida católica passou a ser o batismo. Ainda de acordo com o autor, o batismo passou a ser obrigatório, independentemente da cor, etnia, classe social, reforçando ainda que uma pessoa não poderia ser considerado católico sem passar por esse ritual.

Com relação as roupas utilizadas por crianças durante essa cerimônia, atualmente é possível optar por trajes mais tradicionais ou peças mais modernas. O mandrião¹, por exemplo, é uma das peças mais tradicionais usadas no batismo. Trata-se de uma espécie de vestido mais longo, de cor branca ou bege claro, com detalhes em renda ou bordados, que pode ser utilizado tanto por meninos como por meninas. Porém, atualmente já é possível a utilização de peças mais modernas, como vestidos, calças, macacões. Vale ressaltar que, o branco é a cor que predomina durante a cerimônia, pois esta cor é associada à pureza e paz.

Dessa forma, a partir da compreensão da roupa como um instrumento de corporificação de memórias servindo também como uma forma de contar histórias, este trabalho tem o objetivo geral analisar a preservação de histórias familiares através das peças de batismo dos filhos guardadas por mães. E como objetivos específicos se busca compreender o lugar da vestimenta como um instrumento de corporificação de memórias, além de investigar o papel da roupa para a construção de uma narrativa, e por fim explorar aspectos simbólicos associados à roupa de batismo.

Ao pensar em roupas como um simples modismo passageiro, estamos enxergando um lado da história, pois as roupas vão além disso. Vão além da sua função prática e estética, pois certas peças do nosso vestuário são testemunhas de momentos únicos da nossa vida. Dessa forma, podemos compreender a roupa como parte do nosso patrimônio cultural, sendo capaz de definir a identidade de determinado grupo social. Para Gonçalves (2005), muitas vezes a

¹ - Informações disponíveis em : <https://blog.laleblu.com.br/fique-por-dentro-de-como-escolher-a-roupa-de-batizado-do-seu-filho/> Acessado em: 08 de abril de 2019

noção de patrimônio confunde-se com a de propriedade. Pois muitos desses objetos só adquirem valor quando são relacionados aos seus donos. Além disso, possuem valores simbólicos, indo além da função meramente prática:

A noção de patrimônio confunde-se com a de propriedade. Mais precisamente com uma propriedade que é herdada, em oposição àquela que é adquirida. A literatura etnográfica está repleta de exemplos de culturas nas quais os bens materiais não são classificados como objetos separados dos seus proprietários. Esses bens, por sua vez, nem sempre possuem atributos estritamente utilitários. Em muitos casos, servem evidentemente a propósitos práticos, mas possuem, ao mesmo tempo, significados mágico-religiosos e sociais, constituindo-se em verdadeiras entidades, dotadas de espírito, personalidade, vontade, etc. Não são desse modo meros objetos (GONÇALVES, 2005 p.18).

Assim, a roupa é um objeto que possui uma realidade social e psicológica, mantendo vivo o passado através das lembranças que nos fazem repensar experiências já vividas. Ainda segundo o autor, “cada nação, grupo, família, enfim cada instituição construiria no presente o seu patrimônio, com o propósito de articular e expressar sua identidade e sua memória” (2005, p. 19).

Cheguei a essas conclusões após cursar a disciplina de Teoria da Moda no segundo semestre do curso de Design-Moda, da Universidade Federal do Ceará. Em uma das aulas foi apresentado um trabalho sobre moda e memória e fiquei fascinada por esse tema, pois nunca tinha me dado conta da relação entre a roupa e a memória. Em seguida, procurei ler mais sobre o assunto e após ler o livro *O Casaco de Marx*, de Peter Stallybrass tive convicção de que queria estudar a relação entre a vestimenta e a memória, bem como as roupas tem a capacidade de corporificar memórias.

Então já sabia qual o tema da minha pesquisa, porém não havia decidido qual seria meu objeto de estudo. Foi aí que tive a ideia de olhar meus álbuns de família em busca alguma inspiração para o projeto. Logo me deparei com o álbum onde estão as fotos do meu batizado, até hoje consigo me recordar de muitos momentos desse dia, pois me batizei quando tinha seis anos, então ainda guardo várias lembranças desse momento. Pude escolher quais seriam meus padrinhos e também a roupa que usaria nessa cerimônia. Recordo-me vivamente do vestido que usei, um vestido branco e rodado que se tornou meu vestido preferido durante a infância. Apesar de não pertencer a uma família católica, esse foi um momento que me marcou.

Após ver essas fotografias, ficou claro que queria estudar roupas de batizado. Portanto, nesta pesquisa me proponho a compreender como as peças de batismo guardadas por pais e que foram usadas por seus filhos auxiliam na conservação da memória familiar. Dessa forma,

busca-se estudar a moda como fenômeno social, abrangendo conhecimentos de diversas áreas, sendo aqui estudada sobre seus aspectos sociais, históricos, culturais e simbólicos. Assim, a moda adquire um caráter interdisciplinar sendo analisada por diferentes campos. Deste modo, busca-se contribuir para a ampliação de estudos na área de moda e memória, propiciando uma fonte de pesquisa para estudantes que se interessarem pela temática abordada e futuramente contribuir para estudos na área de Memória Social e Moda.

Assim, ao analisarmos as roupas de batismo que foram preservadas por mães, estamos trabalhando aqui com roupas que estão repletas de características simbólicas, então é possível dizer que as roupas conseguem marcar momentos únicos da nossa vida e corporificar memórias. As histórias contidas nessas peças conseguem durar no tempo e guardar lembranças. As roupas contem aspectos sociais. Elas foram guardadas porque auxiliam na preservação de histórias familiares. As roupas de batismo foram preservadas com o intuito de rememorar fatos. Essas pessoas já tinham o hábito de guardar objetos antigos.

Através desses apontamentos o presente estudo foi guiado, por uma pesquisa bibliográfica, que serviu de base para a fundamentação teórica desta pesquisa. Somado a isso, também foi utilizado uma pesquisa documental, com o objetivo de analisar fotos encontradas em álbuns de família. A fotografia foi escolhida como objeto de estudo, devido a compreensão deste ato para a preservação de memórias, auxiliando assim na preservação de histórias familiares.

No entanto as imagens apenas auxiliam na preservação dos fatos, as fotos por si só não são suficientes para a sua total compreensão, por isso também se fez necessário a utilização de uma pesquisa qualitativa, onde foram feitas entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas, dando a possibilidade das entrevistadas relembrem esse momento marcante da vida familiar, o batismo. Desta forma, se busca juntar o visual (fotografias) com a oralidade (entrevistas), a fim de uma melhor compreensão desse momento familiar.

Vale ressaltar também que, as participantes das entrevistas residem na cidade de São Gonçalo do Amarante, que está localizada na região metropolitana de Fortaleza- CE, estando a 55 quilômetros de distância da capital. Além disso, tiveram contato com a religião católica durante a infância.

O presente estudo é composto por cinco capítulos. O primeiro é composto pela introdução, onde são explicadas características gerais do trabalho. O segundo capítulo apresenta a metodologia, mostrando os métodos escolhidos para esta pesquisa. No terceiro intitulado de Estudos sobre a Memória, é feito uma revisão sobre a literatura, a fim de

apresentar alguns conceitos sobre memória, também é discutindo características simbólicas associadas aos objetos. Além disso, é mostrado como certas roupas tem a capacidade de corporificar memórias. No capítulo quarto, O batismo como ritual de passagem, são apresentadas definições sobre rituais, mostrando o batismo como um rito de passagem, além de descrever o batismo em outras culturas. No capítulo quinto, Simbolismo das roupas de batismo em São Gonçalo do Amarante- CE, ocorre a análise das entrevistas e a pesquisa documental com as fotos de batismo contidas em álbuns de família.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

Neste capítulo será apresentada a metodologia escolhida para este estudo. Assim os métodos utilizados foram a pesquisa bibliográfica, que de acordo com Gil (2008) é feita através de material já existente, sendo formada basicamente de livros e artigos científicos. Servindo assim, de base para a fundamentação teórica deste projeto. Somado a isso, também se utiliza de uma pesquisa documental como recurso metodológico, a pesquisa documental ocorre através de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico tais como fotografias, documentos, cartas, filmes e diários (GIL, 2008). Dessa forma, se busca analisar fotos encontradas em álbuns de família.

A fotografia foi escolhida como objeto de análise devido ao fato de que com o seu surgimento, ocorreu uma revolução na memória, segundo Le Goff (1994). Ainda de acordo com o autor, a partir do advento da fotografia a memória se democratiza e se multiplica, pois, agora é possível guardá-la ao longo do tempo e da evolução cronológica. (Schneid, 2018 p.131) ratifica a importância do álbum de família para a preservação da história familiar “O álbum de família é um local no qual o sujeito- a família- armazena imagens adquiridas ao longo da vida, tornando possível mostrá-lo visualmente aos seus descendentes e amigos”. A autora ainda reforça que, “o álbum é um tesouro, uma relíquia onde são depositadas as histórias de família, como se fosse um baú pronto para ser aberto em qualquer momento e narrar com fotos uma memória salvaguardada, colada e organizada em cada página” (Scheneid, 2018 p. 132-133).

As fotografias, no entanto, apenas auxiliam na conservação dos fatos, por isso se faz necessário também a utilização de relatos orais para uma melhor compreensão a respeito da atuação dos envolvidos. Por isso também será necessário a utilização de uma pesquisa de natureza qualitativa. De acordo com Minayo (2008), a pesquisa qualitativa é reveladora de condições estruturais, de sistema de valores normas e símbolos. Este tipo pesquisa foi escolhido devido a subjetividade do assunto proposto. Com isso, foram realizadas quatro entrevistas com a finalidade de analisar de forma individual as diferentes histórias, fazendo com que os entrevistados relembrem esse momento marcante da vida familiar, o batismo.

Dessa forma se busca juntar o visual (fotografias) com a oralidade (relatos das entrevistas), para uma melhor compreensão desse momento familiar.

Vale ressaltar também que, os participantes das entrevistas residem na cidade de São Gonçalo do Amarante, que está localizado na região metropolitana de Fortaleza- CE, estando a 55 quilômetros de distância da capital. Também é importante salientar que as entrevistas foram realizadas com mães que batizaram os filhos durante as décadas de 1978 a 1998. A escolha dos entrevistados não foi pautada em critérios socioeconômicos, o que os participantes têm em comum é o fato de guardarem a roupa de batismo.

2.2 Área de abrangência

Para o presente estudo foram entrevistadas cinco mulheres, pois são elas as responsáveis pela preservação da roupa de batismo dos filhos. As participantes residem na cidade de São Gonçalo do Amarante, que está na região metropolitana de Fortaleza. O município conta com uma população estimada de 43 947 habitantes, de acordo com o censo do IBGE de 2010.

Marconi e Lakatos (2003, p. 163) definem amostragem como sendo “uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo. Isso posto, a amostragem foi feita considerando os seguintes critérios: *i*) Preservam a roupa batizado do filho; *ii*) Os filhos foram batizados na igreja católica; *iii*) São guardiãs da memória familiar. Não foram feitas discriminações com relação a classe social e econômica das entrevistadas.

2.3 Plano de análise de dados

As etapas necessárias para a realização da pesquisa foram: A- **Levantamento de dados**, através de uma entrevista semiestruturada. Ocorreram cinco entrevistas, entre 28 de setembro de 2019 a 25 de setembro de 2020. De acordo com Manzini (1990), este tipo de entrevista está focada em um assunto no qual foi feito um roteiro com perguntas principais, que são complementadas por outras questões que vão surgindo durante a entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer surgir questões de forma mais livre e as respostas não são condicionadas a um padrão de alternativas. Dessa forma, “a entrevista semiestruturada

favorece não apenas a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade.” (TRIVIÑOS, 1987, p.52).

Com isso, foram aplicadas entrevistas não diretivas, com o intuito de promover um diálogo mais livre e descontraído, deixando o entrevistado a vontade para expressar suas falas.

B- Pesquisa bibliográfica específica e documental - as informações coletadas a partir da pesquisa bibliográfica foram utilizadas para a conceituação teórica deste estudo, que começou durante a elaboração do projeto de pesquisa durante o primeiro semestre de 2019. Foi feita uma seleção com várias referências sobre os temas abordados, por meio de livros, artigos e publicações acadêmicas, a fim de se ter uma melhor compreensão sobre memória, o caráter rememorativo de determinados objetos, a roupa como um instrumento de corporificação de memórias e também compreender a importância dos rituais na vida do indivíduo, em especial o ritual aqui estudado, o batismo cristão. A pesquisa documental foi feita através da análise de fotos do batizado e ocorreu entre os dias 28 de setembro de 2019 a 25 de setembro de 2020. Primeiramente as fotografias foram observadas e posteriormente analisadas. A fotografia foi escolhida como objeto de análise devido ao reconhecimento deste ato para a preservação de memórias. Assim, as fotografias registram momentos marcantes da vida do indivíduo. Estes momentos importantes são registrados, catalogados e organizados em álbuns de famílias. Desta forma, os álbuns de família são um instrumento de preservação de histórias familiares. A partir da observação das fotos é possível identificar roupas, costumes de outras épocas.

C- Tratamento de dados- interpretação dos dados obtidos. Transcrição e análise dos áudios das entrevistas, amparando as falas na pesquisa bibliográfica e relacionando com a pesquisa documental. Essa etapa ocorreu entre setembro de 2019 a 25 de setembro de 2020.

2.4 Tratamento de dados

Após a coleta de dados se inicia a fase de análise e interpretação. Segundo Gil (2008), a análise tem como objetivo organizar os dados de forma que seja possível encontrar respostas para os problemas propostos na investigação. Ainda conforme o autor a interpretação tem o objetivo de procurar de forma mais ampla um sentido para as respostas com base outros conhecimentos anteriormente adquiridos.

Neste caso, foi feita a transcrição dos áudios feitos nas entrevistas. Em seguida a análise dos mesmos e a discursão com o referencial teórico, que fundamentou o presente estudo. Além disso, a pesquisa bibliográfica apoiou as falas das entrevistadas.

2.5 Categorias Analíticas

Segundo Bardin (1977) a categorização é um processo de classificação de elementos que constituem um conjunto, por diferenciação e em seguida reagrupamento segundo o gênero, por meio de critérios estabelecidos previamente. Para o autor o processo classificatório possui uma importância considerável no trabalho científico. A partir do momento em que a análise decide codificar seu material deve-se produzir um sistema de categorias.

As categorias analíticas escolhidas para esse estudo foram: memória, simbolismo, roupa e batismo.

Memória por ser a base de estudo desta pesquisa no qual as discursões são apoiadas. Pollak (1992, p. 204) afirma que: “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

Simbolismo para uma melhor compreensão de características subjetivas associados aos objetos. Conforme Baudrillard (1972) na troca simbólica o objeto não tem valor de uso ou valor econômico mas sim valor simbólico.

Roupa para compreender como determinadas peças do vestuário possuem a capacidade de corporificar memórias. Svendsen (2010, p. 20) afirma que, “as roupas são uma parte vital da construção social do eu”.

Batismo devido a importância desse ritual de iniciação na vida familiar das entrevistadas. Em seu caráter antropológico o rito de batismo marcava não apenas a passagem a uma Igreja mas determinava a essência da vida da própria igreja, determinava o ser cristão (ADAM, 2012).

3 ESTUDOS SOBRE MEMÓRIA

Em *A Memória Coletiva*, Maurice Halbwachs vai preencher espaços deixados por outras teorias anteriores ao seu estudo. O sociólogo vai tratar a memória como um fenômeno social (BOSI,1994). Assim, Halbwachs inicia o pensamento social em um espaço que antes era reservado a filosofia e sociologia, como afirma Barros (1989). Ainda conforme a autora ao expor o caráter social de reconstrução das lembranças Halbwachs (1989, p.31) reforça o aspecto individual da memória que possui um sentimento próprio e particular. “Sua existência tem um caráter único, decorrente de sua posição espacial e temporal e que apenas um único e determinado indivíduo possui em sua biografia”. Com relação a isso o sociólogo vai além. As lembranças já estão guardadas no nosso inconsciente, mesmo sendo necessário a ajuda de outros para a sua reconstrução, as marcas do caminho já estão presentes nos indivíduos.

Segundo Bosi (1994), Halbwachs vai reforçar que a memória como sendo algo fantasioso, imaginativo, sonhador é raro. Como revela a autora, “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1994, p. 55). Ainda de acordo com a autora, a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, formando um conjunto de representações que habitam nossa consciência atual.

De acordo com Halbwachs (1968), a lembrança para ser reproduzida de forma mais precisa, é necessário o auxílio de reflexões familiares e pessoais. Desse modo, o sociólogo demonstra que a memória do indivíduo está relacionada a memória do grupo. Assim, a memória do grupo está relacionada a uma esfera maior que é a da tradição, que forma a memória coletiva de cada sociedade (BOSI,1994). Isso pode ser percebido quando Halbwachs (1968, p. 54) ao tratar sobre memória individual revela que, “ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo as lembranças dos outros”. Ainda segundo o sociólogo, a memória individual não é possível sem alguns instrumentos, que são as palavras e ideias, que não foram criadas pelo indivíduo.

Também é necessário fazer algumas diferenciações entre a percepção pura e a lembrança. De acordo com Bosi (1994) o passado se conserva e atua no presente, mas não de uma forma igual. De um lado existe a memória-hábito, que seria algo mecânico, comportamentos feitos de forma automática pelo corpo. Por outro lado, ainda é necessário

fazer algumas diferenciações entre a percepção pura e a lembrança. De acordo com Bosi (1994) o passado se conserva e atua no presente, mas não de uma forma igual. De um lado existe a memória-hábito, que seria algo mecânico, comportamentos feitos de forma automática pelo corpo. Por outro lado, existe a lembrança que traz à tona momentos únicos e inesquecíveis da nossa vida, atuando como um método de reconstrução do passado.

A autora ainda revela que, a memória-hábito adquire-se pelo esforço e repetição, trata-se de um exercício de fixação e por meio disso se transforma em um hábito, que será usado na nossa vida cotidiana. Já a lembrança, vai se renovar na imagem- lembrança, trazendo à tona a consciência de um momento único, singular, não repetido e irreversível da vida. Dessa forma, a lembrança tem um carácter menos mecânico. Reforça que esse tipo de memória vai se referir a um momento individual, único e singular do nosso cotidiano.

A partir de estabelecidas essas diferenciações, vale ressaltar que, essa pesquisa se dedicará a estudar a imagem- lembrança, uma vez que, busca-se analisar momentos únicos, especiais e que marcaram a vida do indivíduo.

3.1 Os objetos e suas ligações simbólicas

Em seu livro *O Sistema Dos Objetos* Baudrillard (1997) revela que existem alguns objetos que parecem contradizer suas exigências funcionais, esses seriam os objetos singulares, barrocos, folclóricos e antigos. Segundo o autor, esses objetos obedecem a uma nova ordem que seria de testemunho, lembrança, nostalgia e evasão.

Dessa forma, o objeto antigo adquire uma nova função, tornando-se assim um objeto mitológico. Segundo Baudrillard, o objeto torna-se mitológico devido a sua referência ao passado, retomando os signos e indícios culturais do tempo, como revela o sociólogo: “O objeto antigo é sempre, no sentido exato do termo, um “retrato de família”. Existe sob a forma concreta de um objeto, a imemorialização de um ser precedente, processo que equivale na ordem imaginária, a uma elisão do tempo” (BAUDRILLARD, 1997 p.83-84). Em uma crítica a economia social do signo (1972) o autor também discorre sobre o objeto antigo

Assim, pode fazer-se do objeto antigo toda uma psicologia, ou mesmo uma psicanálise (obsessão de autenticidade, mística do passado, da origem, densidade “simbólica” e outros aspectos vividos mais ou menos conscientes). Mas o que nos interessa é a função social distintiva, indissociável a todos os níveis da <substancia> psicológica vivida do <antigo> (BAUDRILLARD, 1972, p. 31)

Para o autor os nossos objetos cotidianos são como uma propriedade, uma paixão que está profundamente relacionado com o indivíduo. Todo objeto possui duas funções: uma é de ser utilizado e a outra de ser possuído. A primeira vai depender da totalização prática do

indivíduo para o mundo, e a outra é um experimento de totalização abstrata sem a participação do mundo. Estas funções são um inverso uma da outra. O objeto estritamente prático torna-se uma máquina. Já o objeto puro, privado de sua função e uso adquire um caráter subjetivo: torna-se um objeto de coleção.

Barros (1989) explica que o desejo por colecionar não parte de uma ação individualizada que leva o colecionador a procurar, organizar, investigar e procurar seus bens preciosos. A ele lhe é atribuído o direito e a obrigação de ser guardião da memória familiar. Essas atribuições não são exclusivas apenas dele, mas também de toda a família que consensualmente lhe atribuiu esta tarefa.

Em consonância com o pensamento de Baudrillard (1997), Schneid (2018, p.53) também discorre sobre o caráter rememorativo de determinados objetos ao revelar que, “os objetos podem cumprir o papel rememorativo como suporte da memória, objetos esses em que a vida deixou suas marcas de forma representativa e que só têm sentido para o indivíduo da memória que lhes atribuiu significado”.

Podemos aplicar esses conceitos também a roupa antiga, no caso a roupa de batizado, que na medida em que se preservaram esses trajes, as lembranças também de conservam, congelando um momento no tempo, assim a roupa vai além do seu papel funcional. Tornando-se um objeto mitológico, que pode ser considerado um objeto perfeito, como revela Baudrillard (1997, p.84): “O objeto funcional é eficaz, o mitológico, perfeito”.

3.2 Roupa e memória: características simbólicas associadas à vestimenta

Em seu livro *O Casaco De Marx* (2000), Peter Stallybrass relata que após a morte de seu amigo Allon White, ao receber a jaqueta que pertencia a Allon e na medida que a usava era como se seu amigo estivesse ali junto com ele. Como pode ser observado nesse trecho: “Ele estava lá nos puimentos do cotovelo, puimentos que no jargão técnico da costura são chamados de “Memória” (Stallybrass, 2000 p.13). Este relato é esclarecedor para entendermos aspectos simbólicos associados a vestimenta, bem como a capacidade que as roupas possuem de corporificar memórias.

Esses aspectos simbólicos associados às roupas podem ser observados não apenas em situações de dor, luto e perda, como ocorre no momento em que perdermos um ente querido, mas também podem ser notados em momentos de felicidade e alegria, como por exemplo, na cerimônia de batismo de um filho que é um momento aguardado e celebrado, principalmente por famílias mais tradicionais e religiosas. Assim, a roupa que é utilizada nessa celebração

passa a carregar inúmeras memórias, conseguindo manter vivo o passado, através das lembranças.

As roupas possuem sua própria história. Segundo Andrade (2006, p. 1), “as roupas têm sua biografia, uma vida social, cultural, política e mantém relações com outros objetos e com pessoas. Ao se relacionar com coisas e pessoas, as roupas produzem e ganham novas existências que são partilhadas especialmente através de experiências humanas.” Ainda segundo a autora, estudar esses objetos como roupas e tecidos exige de nós certas habilidades que são diferentes da análise feita em outros documentos como escritos e iconográficos. Ao fazermos um estudo de um vestido, por exemplo, não seria o mesmo que observar sua fotografia ou sua descrição. “O vestido enquanto objeto material, enquanto coisa, tem uma série de características que lhe são próprias, e cuja articulação constitui um artefato singular” Andrade (2006, p.2).

Sendo assim, ao analisarmos as roupas utilizadas por crianças durante o batizado e que até hoje continuam sendo preservadas pelos pais, estamos trabalhando com questões subjetivas e essas nuances que as roupas possuem muitas vezes passam despercebidas pelo indivíduo, são questões de ordem social, filosófica e até mesmo psicológica, como aponta Stallybrass (2000 p.13): “A mágica das roupas está no fato de elas nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor e até mesmo nossa forma”.

4 O BATISMO COMO RITUAL DE PASSAGEM

A vida social do indivíduo é composta por rituais que marcam a transição de uma etapa a outra. Do nascimento à morte, todas as fases da vida de uma pessoa são marcadas por rituais. De acordo com Silva (2008, p.5), os rituais podem ser caracterizados por “uma configuração que abrange um espaço-temporal específico, envolvendo objetos, discursos, expressões, narrações, todos dotados de um sistema de linguagem, de comportamentos específicos e de signos emblemáticos cujo sentido se constitui um dos bens comuns de um grupo”.

Dessa forma, pode-se perceber a importância dos rituais para o desenvolvimento de uma sociedade, pois os ritos estão presentes em basicamente todas as culturas. Os rituais que marcam um momento importante da vida do indivíduo proporcionando a mudança de status social a outro são os chamados ritos de passagem ou iniciação. Schneid (2018) ressalta a importância dos ritos de passagem para o desenvolvimento do indivíduo pois nessas cerimônias vai ocorrer uma mudança no status sociais:

Os ritos de passagem (ou de iniciação) são cerimônias que assinalam transições importantes no desenvolvimento do indivíduo e em que ocorre uma mudança de estatuto social. A iniciação é mais do que simplesmente um rito de transição, ela é um rito de formação. Tais ritos marcam momentos importantes nas vidas das pessoas. Tem-se, como exemplo, os ritos ligados ao nascimento (batismo), os ritos da puberdade (a iniciação a condição de adulto), o casamento, ritos de integração em grupos específicos (Forças Armadas), ritos ligados à morte (funerais) (SCHNEID, 2018, p. 112).

Assim, vale ressaltar que existem vários ritos de passagem em diversas culturas, porém, este projeto se dedicará a estudar o batismo. Porém antes disso, se faz necessário contextualizar algumas especificações dos ritos de passagem. De acordo com Van Gennep (2011), os ritos de passagem são divididos em três categorias: ritos de separação, ritos de margem e ritos de agregação. Ainda conforme o autor, essas categorias não são desenvolvidas em uma mesma população nem em um mesmo conjunto cerimonial. Os ritos de separação geralmente são feitos em cerimônias fúnebres, os ritos de agregação estão relacionados ao casamento. Já os ritos de margem estão relacionados a cerimônias de noivado, gravidez.

Podemos nos dedicar a estudar a cerimônia de batismo como um ritual de iniciação que tem a finalidade de agregar o indivíduo a determinado grupo social. Os ritos de agregação existem em vários povos com diferentes culturas e crenças. Van Gennep (2011) destaca alguns desses rituais, por exemplo, nas tribos da Guiné quando uma criança nasce lhe são mostrados vários objetos pertencentes a membros falecidos da família, o objeto escolhido pela

criança a identifica com um de seus antepassados. Esse ritual já é suficiente para a sua inclusão e agregação na família. Já nos povos ameríndios, os recém nascidos são apresentados ao sol, lua e a terra, como um rito de agregação ao mundo cósmico, como também releva o autor.

Nas sociedades de origem cristã, o batismo caracteriza-se como um ritual de renascimento. Nacif (2013 p.4) revela que “O batismo reproduzia e consumava simbolicamente o processo do nascimento. Nele, o nascimento enquanto fato da natureza, era sobreposto por outro da cultura”. Só a partir disso, que ocorria a passagem de um mundo para outro, saindo do “profano” e chegando ao “sagrado”. Van Gennep (2011 p. 92) também destaca o caráter sagrado desse rito, “os “mortos” tinham nascido para a luz do “verdadeiro dia”. Só a partir desse rito que o indivíduo era agregado e aceito na comunidade cristã.

A cerimônia de batismo muda de acordo com a cultura de um povo, pois cada sociedade apresenta seu ritual próprio. Porém na maioria das sociedades o batismo compreende-se como um ritual de iniciação que proporciona a entrada do indivíduo e sua aceitação em determinado meio social. Também é importante reforçar que esse projeto não pretende se aprofundar em questões antropológicas que expliquem o conceito de rito, porém será importante contextualiza-lo a partir do assunto que será tratado aqui: o batismo cristão.

5 SIMBOLISMO DA ROUPA DE BATISMO EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE

Este trabalho tem como objetivo geral estudar a preservação de histórias familiares através das peças de batismo dos filhos guardadas por mães. Com isso, foram entrevistadas mulheres que residem na cidade de São Gonçalo do Amarante e que batizaram seus filhos durante as décadas de 1978 a 1998. Esses anos foram escolhidos pois busco analisar roupas que estão preservadas por no mínimo vinte anos. Foram feitas entrevistas semiestruturadas e uma pesquisa documental analisando fotos presentes em álbuns de família que registram o momento do batismo dos filhos das entrevistadas.

Dessa forma, entrevistei cinco mulheres que preservam a roupa de batismo dos filhos. As participantes das entrevistas foram escolhidas com base no cumprimento dos seguintes requisitos: *i)* Guardarem a roupa batizado do filho; *ii)* Batizaram os filhos na igreja católica; *iii)* São guardiãs da memória familiar. Para assegurar que os dados coletados nas entrevistas serão usados apenas para fins acadêmicos foi elaborado um termo de consentimento, onde os entrevistados permitem a divulgação nas informações obtidas nas entrevistas (Apêndice A).

Para encontrar participantes que se encaixassem nos critérios citados anteriormente, investiguei familiares e conhecidos e fiz uma visita a um grupo de oração da igreja católica. Assim, foi feita a estratégia de abordagem das entrevistadas.

Para a realização das entrevistas foi feito um roteiro (Apêndice B), onde as questões foram divididas em blocos, com o objetivo de guiar a entrevista semiestruturada que foi proposta anteriormente na metodologia. As primeiras perguntas servem para identificar o participante, em seguida as perguntas foram feitas com o intuito de definir o perfil socioeconômico. Após isso, as próximas perguntas foram divididas em três seções: família, religiosidade e memória.

As perguntas procuram abordar os objetivos específicos deste trabalho tais como: compreender a importância da vestimenta como forma de corporificação de memórias, analisar a importância da roupa para construção de uma narrativa auxiliando na preservação da memória familiar, e explorar aspectos simbólicos associados a roupa de batismo.

Como foi explicado no capítulo metodológico as entrevistas ocorreram entre os dias 28 de agosto de 2019 a 25 de setembro de 2020. As entrevistas foram realizadas na casa da participantes, as falas foram gravadas em meu celular e posteriormente transcritas e analisadas. As entrevistadas chamam-se Rita Valdívia (52 anos), Maria do Socorro Mesquita

Marques (52 anos), Maria Eleni Rodrigues Coelho Martins (54 anos), Maria Lucia de Moraes da Silva (68 anos) e Maria Jovelina da Silva Castro (48 anos).

Nas primeiras perguntas foi definido o perfil socioeconômico das entrevistas. Rita tem 52 anos e possui o segundo grau completo, exercia a profissão de professora, Maria do Socorro tem 52 anos e é dona de casa, Maria Eleni tem 54 anos é formada em pedagogia e tem licenciatura em História, atualmente trabalha como coordenadora em uma escola de ensino infantil e fundamental, Lucia tem 68 anos e é aposentada. Por fim, Maria Jovelina tem 48 anos e trabalha como auxiliar de serviços gerais. As próximas perguntas são feitas para determinar o modelo familiar na qual as entrevistadas foram criadas e se sua família se encaixa no modelo familiar tradicional.

Ritinha, como é conhecida, afirma que seus pais eram católicos e ela praticou essa religião desde a infância, afirma que era mais católica que os pais, sobre isso, ela comenta que: “Eu sempre fui pra igreja, eu que fui mais pra igreja do que eles... porque eles iam alguma vez na vida”.

No entanto, a entrevistada reconhece a importância dos rituais católicos para a sua família, ela fala que: “Eles eram preocupados em batizar os meninos quando nasciam”. Afirma ainda que participou de todos os sacramentos católicos, como batismo, primeira comunhão e crisma”.

Maria do Socorro também foi criada em uma família católica. A entrevistada afirma que ela e seus irmãos participaram de todos os sacramentos católicos durante a infância, e que só depois de adultos que alguns de seus irmãos se afastaram da religião: “Agora que eles ficaram adultos é que eles não dão seguimento né, outros participa de outras religiões mas aí... não foi na educação de minha mãe”.

Eleni teve contato com religião católica desde a infância. Porém, ela conta que seus pais não eram praticantes da religião. Mesmo assim, todos os seus irmãos foram batizados e participaram de outros rituais católicos como a primeira comunhão. As suas irmãs eram as mais envolvidas com religião e participavam de grupos de jovens da igreja. E foi por conta disso que ela que começou a se envolver mais com a igreja por influência de suas irmãs

As minhas irmãs eram dos grupos de jovens da igreja, elas se envolviam muito, elas que organizavam, é quem ajeitavam tudo. Aí quando eu vim pra perto da minha mãe e por influência delas e também porque não tinha nada pra fazer, eu fui dar a catequese das crianças. Aí foi o tempo que eu casei e parei a catequese, aí pronto a gente ia na missa uma vez perdida. (Eleni, entrevistada em 05 de setembro de 2020).

Lúcia conta que sempre frequentou a igreja com seus pais e que a religião era muito presente na sua família:

Nós, eu e meus irmãos aprendemos a rezar o terço ainda pequenos em casa, frequentamos as aulas de catecismos e tal, fizemos primeira comunhão, depois veio a crisma (Lúcia, entrevistada em 20 de setembro de 2020).

Em outro momento da entrevista Lúcia relembra da importância da religião na sua vida, desde a infância:

Eu com seis anos já sabia rezar o terço, tão bom. A oração do anjo da guarda, eu tinha era um altazinho na minha casa. Um altazinho numa mesinha pequena que minha mãe tinha, acendia vela, aí eu rezava doze horas aquele terço, eu pedia tanto um bom esposo (Lúcia, entrevistada em 20 de setembro de 2020).

Maria Jovelina como as demais entrevistadas também teve contato com a religião durante a infância, sua família era católica e tinha costume de rezar e ir à missa.

Sobre o modelo familiar católico Schneid (2018) afirma que a família era responsável por preservar as práticas cristãs:

Para a Igreja Católica, a família era considerada núcleo de manutenção da fé cristã e das práticas de iniciação e reprodução da própria instituição religiosa. A concepção de “sagrada família”, baseada em uma tradição religiosa, ou o ideal de amor eterno entre os cônjuges, ou do amor filial, são exemplos do que eram utilizados por algumas famílias como orientação para a vida de seus membros (SCHNEID, 2018, p. 108).

A partir disso, pode-se concluir que as entrevistadas se encaixam no modelo familiar monogâmico e heterossexual, ou seja, se enquadram no modelo aceito pela igreja católica. Existem vários tipos de família, porém este estudo não vai abordar todos os modelos existentes, o foco será no modelo familiar tradicional. Pois este é o modelo no qual as entrevistadas se encaixam.

Quando questionada a respeito de sua educação durante a infância as participantes afirmam que tiveram uma educação muito rígida. Conforme percebemos nos depoimento abaixo:

Vixe Maria mulher era muito rígida, muito rígida. Se amanhecesse o dia e não desse a benção pro papai e pra mamãe, podia esperar. (Rita Valdízia, entrevistada em 28 de setembro de 2019).

A educação foi conservadora. As mulheres ficavam em casa e elas eram educadas para assim que arranjar um namorado casar logo. Não tinha negócio de passear e ficar não. Namorou casou. (Maria do Socorro, entrevistada em 08 de março de 2020).

Na minha época a gente seguia mais os que os pais dizia né (Eleni, entrevistada em 05 de setembro de 2020).

Naquele tempo as coisas eram muitos difíceis né... minha mãe me abandonou e essa família me criou, aí a gente passava um dificuldade muita... Se não tivesse comida pra comer era farinha com café. Nossa criação foi assim (Maria Jovelina, entrevistada em 25 de setembro de 2020).

Meu pai não deixava eu sair, era sempre em casa, não deixava eu ir fazer compras, ir na buodega, e até pra ir pra uma missa assim á noite, que eu digo a missa agora a noite é bom que eu dô uma voltinha com uma amiguinha, não na hora que terminava a missa eu tinha que vir pra casa. (Lúcia, entrevistada em 20 de setembro de 2020).

Devido a todo o rigor de sua criação Lúcia revela que isso afetou suas futuras relações amorosas. Para ela a falta de liberdade foi prejudicial e dificultou a escolha de um parceiro adequado:

Eu tenho certeza que não me casei com a pessoa certa... porque eu não tinha liberdade, eu acho que tinha que ter liberdade. Porque pra mim é assim, até hoje eu acredito nisso. Você vai conhecer aquela pessoa né, que é o namorar, pra depois decidir o casamento, num sei foi uma pessoa que eu vi. Eu já tava era pronta pra ir pro Rio de Janeiro quando conheci ele (Lúcia entrevistada em 20 de setembro de 2020).

Lúcia queria ir embora, pois seu pai não deixava ela sair de casa e também não aprovava seu relacionamento com um soldado. Para ele um militar não era um homem para casar com sua filha.

Soldado e motorista pra ele não era gente. Gente que eu digo, assim pra casar. Ele achava que se eu fosse me casar com um motorista ou um militar eu ia sofrer né. E como eu era filha única, ele não queria. Aí eu prometia pra mim mesmo... quando eu completar meus 18 anos... fui pra fortaleza tirar meus documentos, só que com isso minha filha, eu não voltei mais pra casa. Fui correr atrás de emprego em Fortaleza (Lúcia entrevistada em 20 de setembro de 2020).

Como pode ser observado nessa fala, a família ainda exercia grande influência na escolha matrimonial, mesmo que de forma menor que na época dos casamentos arranjados. Segundo Bassanezi (2004) era forte influência familiar na escolha do marido dos filhos e isso era considerado um cuidado, pois um bom partido deveria ser honesto e trabalhador. Nem sempre as filhas se interessavam pelo namorado que lhe diziam ser o ideal. Como salienta a autora, “é provável que, por exemplo, algumas moças gostassem mais de rapazes bonitos, bons dançarinos, carinhosos ou atrevidos, não correspondendo propriamente às expectativas de seus pais” (2004, p. 516).

O século XX foi marcado por transformações científicas e tecnológicas que afetaram as relações comportamentais dos indivíduos. O capitalismo se expande e com ele surge várias transformações na indústria, aumentam os cuidados com a higiene, doenças são curadas e ocorre um aumento da expectativa de vida. Além disso, surgem novos automóveis. Nas

palavras de Del Priore (2006) as mudanças trazidas com o novo século impactaram o modo de vida dos indivíduos de uma forma nunca antes vista:

Nunca, em período anterior, tantas pessoas foram envolvidas em um tal processo de transformação de hábitos cotidianos, convicções e percepções, influenciadas, querendo-se ou não, pela expansão do capitalismo: a energia, o petróleo, os altos fornos, o desenvolvimento da indústria química e metalúrgica, e também da bacteriologia e da bioquímica, os impactos de novas medidas de higiene e profilaxia, isso e muito mais influenciou definitivamente o cotidiano, bem como controle de doenças, da natalidade e prolongamento da vida. Surgem os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, os telefones, os utensílios eletrodomésticos, o rádio, o cinema e a televisão, a anestesia, a penicilina etc. O impacto dessa revolução científico-tecnológica se fez sentir nos hábitos do dia-a-dia e, por conseguinte, nas formas de relacionamento (DEL PRIORE, 2006, p.342-343).

Apesar de todas estas transformações que ocorreram com a chegada do século XX, as entrevistadas tiveram uma educação bem severa, como pode ser observado em suas falas. Os pais exerciam grande influência sobre a criação dos filhos e suas ordens deveriam ser seguido à risca. Era preciso andar na linha. Além disso, o conceito de moral e os “bons costumes” foram mantidos.

A família moderna do século XX manteve a moral patriarcal. Por exemplo, a virgindade ainda era algo almejado entre as mulheres e os homens mantinham sua masculinidade e virilidade. Com isso houve pouca mudança nos papéis masculinos e femininos. Nas palavras de Schneid (2018) ainda era esperado que as mulheres fossem responsáveis pelas tarefas domésticas, cuidando da casa marido e filhos. Já os homens eram responsáveis pelo sustento da família:

Quanto aos papéis, pouco tinha mudado, continuavam destinadas às mulheres tarefas essencialmente domésticas e atribuído a elas o cuidado dos filhos e do marido, assim como ainda permaneciam as características próprias da “boa moça”, com instinto, materno, puro e doce. Os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. Pensava-se na relação pais e filhos com autoridade e disciplina, além de dar ênfase aos aspectos institucionais da convivência familiar (SCHNEID, 2018, p.78).

Ritinha afirma que antes de se casar existia uma preparação que começava pelo namoro e ainda destaca a importância da virgindade para a consolidação do matrimônio:

Primeiro vinha o namoro, tinha que andar direitinho na linha, nada de embuxar, comprar as coisinhas, ir se preparando (Rita Valdizia, entrevistada em 28 de setembro de 2019).

Bassanezi (2004) explica que o namoro era uma espécie de preparação para o noivado e posteriormente o casamento. Dessa forma, as moças só deveriam namorar com o intuito de casar-se, uma moça namorar apenas por namorar não é visto com bons olhos, pois isto era considerado uma perda de tempo.

Quando questionadas sobre a diferença entre a educação dos meninos e das meninas a maioria das entrevistadas afirmam que a educação das meninas era bem diferente da dos meninos.

As meninas tinham que trabalhar, e os meninos ficavam mais à vontade. As meninas ficavam responsáveis pelo trabalho doméstico, era responsabilidade das meninas, cozinhar e ... pegar água na cacimba. (Rita Valdizia, entrevistada em 28 de setembro de 2019).

Os homens saíam pra trabalhar e quando chegavam eles tinham tudo assim... ao dispor deles, a comida tava feita... não faziam nenhum tipo de serviço doméstico. Pronto a diferença era essa. Eles não faziam nenhum serviço doméstico. Porque a mulher era pra fazer o serviço da casa e homem pra trabalhar e trazer a comida pra casa. (Maria do Socorro, entrevistada em 03 de março de 2020).

Os meninos tinham serviço de menino e as meninas tinham serviço de menina... Meu pai era vaqueiro e eles sempre tavam trabalhando com meu pai na lida de criar de gado essas coisas. E a gente sempre tava ajudando minha mãe, ajudar a criar os outros irmãos, varrer, lavar os pratos. (Eleni, entrevistada em 05 de setembro de 2020).

Eleni conta que como era a irmã mais velha era seu dever ajudara criar os irmãos mais novos. No seu relato ela ressalta como no seu tempo as coisas eram diferentes. E que a infância e adolescência de suas filhas foi bastante de diferente da sua.

Não exista essas preocupações que os pais tem hoje com os filhos... Quando a gente era criança, adolescente; eu não sei se tive adolescência junto com minhas irmãs, porque era só aquele trabalho doméstico junto com minha mãe mesmo, não pensava em sair pra canto nenhum não tinha pra onde ir (Eleni, entrevistada em 05 de setembro de 2020).

A maior parte das entrevistadas cresceram com papéis de gênero bem definidos. Onde cabia a mulher serviços domésticos e cuidados com os filhos. No entanto, duas entrevistadas Lúcia e Maria Jovelina revelam que além dos cuidados da casa faziam também serviços braçais que eram considerados masculinos.

Eu só não pegava no machado pra cortar lenha, mas eu ia pro mato pegar lenha, ia pegar água de madrugada, minha mãe me chamava de madrugada... a gente arrumava um jumento e eu ia com meu irmão pegar água, a água de beber que a gente ia buscar lá no rio. Isso aí era pro homem fazer, mas minha mãe me chamava e eu tinha que ir... Naquele tempo que as coisas era mais difícil você ia lavar louça, hoje em dia é um amor minha filha, é esponja é detergente de tudo que é jeito... aí nesse tempo era tudo mais difícil que não tinha essas coisas de hoje. A gente usava sabão em barra... torrava café, até sal eu pisava na pedra pra poder moer o sal, o milho pra poder fazer um cuscuz, tinha que moer, era uma mão de obra pra fazer um cuscuz (Lúcia entrevistada em 20 de setembro de 2020).

Ainda complementa que:

Eu fui uma criança que trabalhei muito na casa da minha mãe, nos afazeres de casa né, nos trabalhos domésticos... A casa grande, com aqueles terreiros muito grandes e só eu de mulher em casa, só eu fazia aquilo tudo...E naquele tempo a gente tinha que pegar água fora, não era água em torneira, não tinha. Não tinha domingo. De

domingo a domingo a rotina era uma só. Se levantar de madrugada pra pegar água, quando chegar varrer aquele terreiro (Lúcia entrevistada em 20 de setembro de 2020).

O mesmo aconteceu com Maria Jovelina que foi adotada ainda criança. Ela relata que as filhas biológicas de sua mãe nunca fizeram o trabalho pesado, pois isso era responsabilidade dela e do seu irmão que também era adotivo:

As tarefas de manhã minha filha era encher os potes, era botar comida pros gados. Aí a gente só ia pra escola no dia de domingo que era que tinha tempo pra estudar. Era o dia de domingo de manhã. Ainda me lembro como se fosse hoje...Meu pai adotivo era alcoólatra e quem sustentava a casa praticamente era ela, ela vendia peixe frito na beira da praia, nós vendia tapioca pra poder a gente ter sobrevivência (Maria Jovelina, entrevistada em 25 de setembro de 2020).

Isso corria porque nem sempre a divisão de trabalho acontecia de acordo com padrão estabelecido, onde era destinado a mulher apenas trabalhos domésticos e aos homens cabia o sustento da família. De acordo com Fonseca (2004) este estereótipo estava longe de retratar a realidade, pois se baseava nos valores da elite colonial que geralmente era reflexo das histórias de viajantes europeus, com o intuito de marcar as diferenças sociais entre burgueses e pobres.

Foi devido a todas essas obrigações diárias que Maria Jovelina não conseguiu terminar os estudos, não havia tempo para estudar. Logo depois com 14 anos ela se casou com seu atual marido. Quando questionada o motivo de ter se casado tão cedo a entrevistada revela que na casa de seus pais era muito presa e que buscava liberdade.

As mulheres sempre trabalharam, porém nem sempre esses ofícios foram reconhecidos e muitas vezes esse trabalho não era remunerado, como afirma Perrot (2007, p. 109), “as mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era de ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres que é invisível.”

Por pertencerem a classes sociais menos favorecidas as entrevistadas sempre trabalharam desde cedo pra ajudar no sustento da família. Ritinha afirma que antes de ser professora já fez de tudo um pouco, vendedora de loja, costureira. O mesmo aconteceu com Socorro que teve dificuldade em responder sua profissão, pois sempre trabalhou em várias funções. Lúcia também conta que já trabalhou em várias áreas como vendedora, representante de marcas e técnica de enfermagem.

Eu era louca pra trabalhar numa fábrica, eu via... acho que era as castanheiras que era tudo de roupa branca... eu achava lindo aquilo ali sabe (Lúcia, entrevistada em 20 de setembro de 2019).

Lúcia também teve dificuldades em conciliar os trabalhos domésticos com a escola por isso teve problemas em terminar o ensino médio.

Fui terminar meu segundo grau aqui, porque lá (Fortaleza) não tive condição. Cuidava da casa, trabalhava e de três filhos e ainda aguentava os abusos do marido (Lúcia, entrevistada em 20 de setembro de 2019).

As mulheres que continuavam trabalhando mesmo depois de casada como aconteceu com todas as mulheres desta pesquisa, acabavam sofrendo com a chamada dupla jornada, ou seja, além de trabalhar fora para ajudar no sustento da casa, ainda tinham que cuidar dos trabalhos domésticos e dos filhos. Como explica Schneid (2018), as mulheres começaram a trabalhar fora, porém continuaram exercendo seu papel imposto socialmente de dona de casa e mãe:

As mulheres que trabalhavam depois de casadas sofriam, como, consequência, uma sobrecarga de atribuições que veio a acumular ao tradicional trabalho doméstico, uma carreira profissional e a participação efetiva do sustento da família. Quando uma esposa trabalhava para fora, ainda exigia-se que ela cuidasse da casa, do marido e dos filhos, a conhecida “dupla-jornada”. O trabalho domiciliar continuou permitindo que as casadas contribuíssem para a renda familiar, sem deixarem de exercer as funções básicas de mãe e donas casa para as quais tinham sido socializadas e educadas (SCHNEID, 2018, p.101).

Apesar das mulheres mais pobres irem trabalhar para ajudar com o sustento da família, nem todos os maridos aceitavam que suas esposas saíssem de casa para arrumar um emprego.

Como aconteceu com Lúcia:

Ele não queria que eu fosse trabalhar, que eu fosse arranjar empregos essas coisas, eu nunca obedeci... que eu não tava errada. Ele podia me matar, mas eu não deixava de trabalhar, deixava não, de jeito nenhum... eu não tava fazendo uma coisa errada, eu tava correndo atrás do pão dos meus filhos e por isso eu ia trabalhar e sempre fui mesmo. Daí quando ele me abusou mesmo e eu vi que ele podia tirar a minha vida eu dei parte dele e a justiça mandou tirar ele daqui (Lúcia, entrevistada em 29 de setembro de 2020).

A saída da mulher para o mercado de trabalho representava uma ameaça a autoridade masculina, pois tradicionalmente era dever dos homens prover o sustento da família. Os homens de classes sociais menos favorecidas só poderiam exercer seu poder dentro da família. Como afirma Soihet (2004), a violência surgia como um sinal de fraqueza, pois o homem pobre não possui poder em outros espaços públicos, então a família era o único local onde ele poderia exercer sua autoridade. Por isso qualquer vislumbre de perda deste poder lhe causava forte reação:

O homem pobre, por suas condições de vida, estava longe de poder assumir o papel de mantenedor da família previsto pela ideologia dominante, tampouco o papel de dominador, típico desses padrões. Ele sofria a influência dos referidos padrões

culturais e, na medida em que sua prática de vida revelava uma situação bem diversa em termos de resistência de sua companheira a seus laivos de tirania, era acometido de insegurança. A violência surgia, assim, de sua incapacidade de exercer o poder irrestrito sobre a mulher, sendo antes uma demonstração de fraqueza e impotência do que de força e poder. Essa explicação se completa pelo fato de que a tais homens, desprovidos de poder e de autoridade no espaço público – no trabalho e na política – , seria assegurado o exercício no espaço privado, ou seja, na casa e sobre a família. Nesse sentido, qualquer ameaça à sua autoridade na família lhes provocava forte reação, pois perdiam os substitutos compensatórios para sua falta de poder no espaço mais amplo (SOIHET, 2004, p. 310).

Além disso, boa parte das entrevistadas se enquadram no modelo de família vigente no século XX. De acordo com Schneid (2018) neste modelo familiar, era destinado às mulheres tarefas essencialmente domésticas, além de serem responsáveis por cuidar dos filhos e do marido, já os homens eram responsáveis pelo sustento da mulher e dos filhos.

Também é importante salientar que mesmo durante o século XX, apesar de todas as mudanças que ocorreram na estrutura familiar moderna, como já foi mencionado os casamentos arranjados ainda existiam, porém com uma frequência bem menor do que no século XIX. Em que ocorria a prevalência do modelo familiar patriarcal. A avó de Maria do Socorro foi prometida em casamento ao nascer e casou-se por meio de um casamento arranjado, como é explicado no depoimento abaixo:

A minha mãe ela foi prometida ao esposo dela quando ela nasceu. Quando ela nasceu ele tinha 15 anos, foi visitar ela e quando chegou lá disse assim: eu vou esperar por ela. Você me dá ela pra mim casar? Aí minha avó disse que conversaram lá e eles disseram que davam e ele esperou. Quando ela completou 15 anos ele tinha 30 anos eles casaram. (Maria do Socorro, entrevistada em 03 de março de 2020).

Este modelo de casamento era mais comum em famílias abastadas como revela Del Priore (2006). Apesar de a avó de Socorro ser de origem mais humilde ainda se casou por meio de um casamento arranjado.

Com honrosas exceções em alguns grupos da elite, a mentalidade das relações familiares e sociais era profundamente marcada pelo ambiente rural que predominava até então. Uma rede de solidariedades, deveres e obrigações mútuas a consolidava. O consentimento dos mais velhos continuava abençoando as uniões e cabia ao pai decidir e determinar o futuro dos filhos sem lhes consultar, “de sorte que” — explica o escritor Alcântara Machado — “casamentos se fazem às vezes sem que os nubentes se tenham jamais visto”, sendo comum a união de parentes para preservar fortuna e linhagem (DEL PRIORE, 2006 p. 162-163)

Também era comum, o matrimônio acontecer ainda durante a mocidade como foi com a avó de Socorro e Maria que casaram com 15 e 14 anos, respectivamente. Isso ocorria devido a fatores sociais e econômicos como: a maior submissão feminina, a procriação como desejo principal do casamento, a subordinação a interesses pessoais e familiares, o difícil acesso a

educação e instrução, a falta de um mercado livre e aberto a mão de obra feminina (DEL PRIORE, 2006).

O segundo bloco de perguntas da entrevista é composto por questões relacionadas a religiosidade e fé. Ritinha e Socorro afirmam que até hoje seguem a religião católica e que passaram os primeiros ensinamentos para os filhos. Em seguida questionei o motivo de terem batizado seus filhos, e as entrevistas afirmam:

Como católicos, a gente entende que o batismo é o primeiro sacramento pra engajar a pessoa na comunidade de Deus, na comunidade cristã, a gente entende assim (Rita Valdízia, entrevistada em 28 de setembro de 2019).

A primeira filha foi batizada por medo segundo ela: Batizei por medo, podia os pagão vir e levar ela né. Ela conta que esse medo era comum naquela época: Tem que manter a luz acesa porque se apagar a luz vão levar a criança. Ave Maria eu morria de medo! Deus me defenda! Já a segunda eu batizei assim porque tinha que batizar porque os outros já eram batizados né, e não tinha mais esse medo que os pagão ia carregar ele. Mais eu tinha que batizar. O terceiro filho tive certeza que ela ia ser batizada pra ser ingressada na fé, da igreja a qual participava (Maria do Socorro, entrevistada em 03 de março de 2020).

Batizei minha menina Jessica com três anos, por insistência dele que por mim eu nem tinha batizado. E a Mariana só se batizou um dia desses porque ela arranhou uma madrinha, com 15 anos. Eu não tinha essas coisas de ficar levando filho pra batizar (Eleni, entrevistada em 05 de setembro de 2020).

Eu corria pra batizar meus filhos, eu tava obedecendo um mandamento de deus e eu por ser católica, tava cumprindo com aquele mandamento, com aquele compromisso com Deus né (Lúcia entrevistada em 20 de setembro de 2020).

Na época eu frequentava a igreja católica e o certo né é batizar os filhos. Foi a criação que minha mãe me deu (Maria Jovelina, entrevistada em 25 de setembro de 2020).

O batismo é o primeiro ritual de iniciação na comunidade cristã, é um sacramento essencial para a consolidação da fé. Para Hofstatter (2003, p.105), “os sacramentos são testamentos, promessas contidas, sinal visível ... palavra unida ao sinal, obra divina...”

Quando Socorro fala que batizou a primeira filha por medo pode-se entender o batismo como um instrumento de pressão da igreja com a comunidade cristã. Como aponta Malschitzky (1985), existe um receio que crianças não batizadas não encontrem a salvação. Foi ensinado as pessoas que essas crianças são pagãs e isso é algo negativo. Foi apenas no batismo de seu segundo filho que Socorro perdeu esse medo e passou a enxergar o batismo como um ritual de iniciação na fé cristã.

A filha de Ritinha nasceu em 1998 e foi batizada em novembro do mesmo ano, quando tinha três meses. Já Maria do Socorro batizou os três filhos também nos primeiros meses de vida, nos anos de 1978, 1991 e 1998. A primeira filha de Eleni foi batizada com 3 anos em

1998. A filha de Lúcia foi batizada em 1984, também nos primeiros meses de nascimento. Já a filha de Maria Jovelina foi batizada com um ano de vida em 1996.

As próximas perguntas são destinadas a descobrir o que levou as entrevistadas a guardarem a roupa de batismo dos filhos. Quando questionadas sobre isso, revelam que foi devido a essas roupas marcaram um momento único, são roupas especiais.

Ritinha afirma que não tinha o intuito de guardar a roupa. A entrevistada explica que pegou algumas peças que não serviam mais na filha e deu pra uma moça que vendia roupas usadas. Porém, em uma reunião da igreja o padre falou da importância de se guardar a roupa de batismo dos filhos, segunda ela:

O padre dizia assim, vocês sabem que todas as pecinhas do filho de vocês, as roupinhas que ele foi batizado, isso aí tem que ser guardado (...), isso aí tem que ser guardado, não é uma peça qualquer, aí isso me tocou. (Rita Valdizia, entrevistada em 28 de setembro de 2019).

Depois disso, a entrevistada foi rapidamente recuperar a roupa de batismo da filha. Ela conta que preferia dar a roupa pra uma criança necessitada, porque já tinha guardado a meia usada na cerimônia e já era suficiente para ela.

Figura 01- Roupa do batismo da filha de Ritinha preservada desde 1998



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019

Já Maria do Socorro sempre teve o desejo de manter a roupa de batismo dos filhos preservada. Ela revela que:

Assim no começo eu achei muito importante eu ficar com aquela roupinha pra quando ela crescer eu mostra pra ela - se referindo a sua filha mais velha - que ela tinha aquela roupa de batismo. Já a Beatriz- sua filha mais nova- eu já guardei porque o padre na época teve uma explicação de que aquela roupa era consagrada, do mesmo jeito que a menina foi consagrada naquele dia... Assim pela fé né, eu acredito imensamente que aquilo ali é consagrado, e é assim um objeto muito valioso pra gente... como cristão e que acredita, tudo pela fé né, aquilo que você acredita sem ver (Maria do Socorro, entrevistada em 03 de março de 2020).

Em outro momento da conversa Ritinha também fala das fotos do batismo da filha e como essas imagens já serviam para ela relembrar esse momento. Porém após a fala do padre mudou de ideia, “isso mexeu comigo, daí eu fui atrás da roupinha”. A entrevistada ainda complementa que:

O batismo ele nos consagra ao senhor, então o batismo ele traz todo aquele ritual, a velinha a água, o óleo consagrado e a veste branca ..., que quer dizer que a gente tá revestida de Cristo, então é uma peça consagrada, a gente guarda essa peça. (Rita Vladízia, entrevistada em 28 de setembro de 2019).

Com relação as fotografias Eleni diz que registrou o batismo da filha, porém essas fotos se perderam. Ainda revela seu fascínio por fotografias antigas. Ainda fala que não gosta muito de tirar fotos, mas as poucas que tem gosta de preservar.

Eu gosto muito de fotos antigas, eu acho muito interessante, é uma coisa que me atraí muito... quando eu vou em alguma casa do interior meu fascínio vai nas paredes eu vô logo nas paredes porque vejo muita foto antiga (Eleni, entrevistada em 05 de setembro de 2020).

As fotografias são um suporte da memória, são capazes de eternizar um momento no tempo e podem ser compartilhadas de geração em geração e auxiliam na preservação de memórias familiares. De acordo com Barros (1989) a fotografia funciona como um fragmento do espaço/tempo. Com isso, no futuro será possível relembrar um gesto, um rosto ou momento. Estes registros possibilitam a construção de histórias familiares. As fotografias possibilitam uma volta ao passado e sua reconstituição no presente.

Figura 02- Roupa de batismo da filha de Eleni preservada desde 1998



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

Eleni fala que guardou a roupa de sua filha porque isso seria um instinto maternal, coisa de mãe, segundo ela.

é coisa de mãe mesmo, toda mãe gosta de guardar essas reliquinhazinas né. Não era nem por que era do batizado, era porque era uma coisa dela e eu achava bonitinho (Eleni, entrevistada em 05 de setembro de 2020).

Diferente de algumas entrevistadas Eleni não guardou a roupa por conta de ser sido usada em um ritual sagrado, mas sim por questões emotivas, como pode ser percebido na fala “é coisa de mãe”.

Lúcia já tinha o hábito de guardar objetos antigos, como algumas roupas de seus filhos, fotografias. Durante a entrevista a participante estava usando um vestido que pertencia a sua mãe que faleceu recentemente. Também guarda uma santa que pertenceu a seu pai. Como seu pai era carpinteiro até hoje ela preserva alguns objetos feitos por ele, como um suporte de madeira usado em uma santa e alguns móveis: um guarda roupa, um banco, uma

mesa e algumas ferramentas. Na fala a seguir, Lúcia revela como ficou brava após o sumiço de um destes objetos:

Eu tenho uma coisa que meu pai quem fez e sumiu e eu fiquei com muita raiva porque eu achei sujo. Que justamente é da Santa, porque tinha uma roda de madeira que ele tinha feito aí tinha da finada Dona Paraíba. Aí antes de morrer ela chamou meu pai e deu pro meu pai. Deu certin pra santa daqui, era um zelo perfeito com isso aí. Foi o papai que fez a rodinha...Só que uma mulher foi trabalhar na mamãe uns tempos e quebrou, daí eu virei uma cobra quando vi quebrado. Esculhanbei a mulher sem ela tá nem lá... Fiquei com raiva mesmo. Aí eu trouxe a bixinha pra cá, só que num serviço aqui tiraram muita coisa chamando de lixo, pros menino tudo é lixo e querem botar no mato. E a bixinha não sumiu. Eu vim achar ela um dia desse, ela levou tanto sou que chega estalou o verniz e eu não boto no mato, ainda tenho (Lúcia, entrevistada em 25 de setembro de 2020).

Para a entrevistada estas peças são especiais, pois trazem à tona várias lembranças do seu pai:

Eu fecho os olhos e lembro de tanta coisa assim que ele fez, que ele fazia sabe. O jeito assim dele trabalhar ele gostava das coisas muito perfeito (Lúcia, entrevistada em 25 de setembro de 2020).

A partir deste relato fica claro que a participante tem um cuidado especial com estes objetos. Ela revela que frequentemente separa as roupas da infância dos filhos e as lava a mão separado das outras roupas. Ou seja, existe um tratamento diferenciado entre as roupas preservadas e as roupas “normais”. Mesmo fora de suas funções práticas o objeto antigo adquire um sentimento de paixão. Como revela Baudrillard (1997) o objeto vai se relacionar com o indivíduo não apenas como algo material, mas sim como um afeto, uma propriedade, uma paixão. Possuindo um caráter subjetivo.

Figura 03- Roupa de batismo filha de Lúcia preservada desde 1984



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

Maria Jovelina diz que sua mãe ainda guarda sua roupa de batismo e que sempre quis guardar a roupa dos filhos porque seria uma lembrança importante:

Eu achei assim né, uma lembrança pra quando ela ficasse moça né, eu mostrasse a ela. A um filho ou filha que ela tivesse vesse né, o vestidín que ela se batizou, aí eu guardei (Maria Jovelina, entrevistada em 25 de setembro de 2020).

A partir destes relatos percebe-se que estas peças são repletas de características simbólicas, indo além de suas funções práticas. Tornando-se um objeto mitológico que de acordo com Baudrillard (1997) ocorre pois esses objetos fazem referência ao passado, recuperando signos e vestígios culturais do tempo. Segundo o autor “torna-se mitológico devido a sua referência ao passado, retomando os signos e indícios culturais do tempo”.

Uma das mães, Ritinha afirma que a roupa do batismo não é importante só para elas mas também para sua filha, como pode ser percebido com o depoimento abaixo:

Ela tem o maior amor por essa peça, as vezes eu vou pras formações da igreja e levo essa roupinha pra mostrar lá (...) ela fica de briga comigo, eu tenho que voltar com a roupa dela. A entrevista continua: Às vezes eu até digo pra ela, mulher vamo ajeitar esse vestidín, que eu quero que minha neta se batize com ele. (Rita Valdízia, entrevistada em 28 de setembro de 2019)

Com essa fala é possível compreender a importância que essa roupa possui para essa família, bem como o desejo de manter essa peça preservada para ser usada nas próximas gerações, como é possível notar pela fala da mãe, no momento em que ela fala que deseja ver seu neto se batizando com a mesma roupa usada pela filha. A transmissão de bens simbólicos para gerações futuras de acordo com Barros (1989), situa a família no local desta passagem:

A transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes situa a família como o lugar dessa passagem, fazendo de cada descendente o alvo e ao mesmo tempo o veículo da preservação dos valores familiares. Em torno dessa ideia de transmissão de valores está presente a noção de um tempo que se repete, de um tempo cíclico. Para essas pessoas, preocupadas em marcar seu lugar social e sua identidade pela inserção na grande família, o tempo do ciclo dessa grande família é a referência temporal (BARROS, 1989, p.36).

Maria do Socorro revela que não tem o desejo que a roupa seja passada de geração em geração. Cada filho ou neto tem que possuir sua própria roupa.

Use a sua que eu uso a minha. Cada um recebe sua consagração e guarde e cultive por ela (Maria do Socorro, entrevistada em 03 de março de 2020).

Quando questionadas sobre quais lembranças aquela peça lhes trazem, Ritinha afirma que quando olha pra peça lembra da infância da filha, seus primeiros passos.

Eleni revela que quando olha pra roupa tem saudade da infância de sua filha.

Bate a saudade da época que ela tinha aquele tamanho e fico se lembrando das coisas que a gente fazia na idade dela (Eleni, entrevistada em 05 de setembro de 2020).

Eleni também conta que sua filha tinha uma roupa que pertenceu a seu pai na época que ele era criança, ela diz que a roupa estava desgastada e que fez alguns reparos para que sua filha pudesse usar.

As manguinhas tinha algo parecido com renda que tava rasgada, aí eu destaquei, tirei elas e comprei um tecidinho branco, que ela era azulzinho e botei outras manguinhas comprida na blusa, aí um desses eu tava pensando que essa blusa sumiu, não sei se foi de mudança... dei fim nela (Eleni, entrevistada em 05 de setembro de 2020).

Já Socorro fica emotiva ao falar sobre esse assunto:

Sem chorar né. Todas as vezes que abro o guarda roupa e vejo a roupinha do batizado eu sempre acredito que eles foram consagrados naquele momento naquele dia ... pela proteção divina, ou seja, que Nossa Senhora interceda ao nosso Senhor Jesus Cristo sempre estarão na vida deles. Sempre que eu vejo eu digo assim: Que o Senhor sempre conserve no caminho certo, então é, digamos, uma segurança que eu tenho em relação a minha fé (Maria do Socorro, entrevistada em 03 de março de 2020).

Socorro ainda revela que guarda o primeiro sapato que comprou para filho. E que vai presentear-lo no dia do seu casamento.

De vez em quando eu pego ele limpo, tiro o mofo (Maria do Socorro, entrevistada em 03 de março de 2020).

Ela diz que guardou porque naquela época foi muito difícil comprar o sapato, devido as suas condições financeiras. Assim, ao entregar o sapato no dia do casamento do filho terá a certeza que os seus ensinamentos para o filho ao longo da vida valeram a pena.

É possível perceber o desejo da mãe de passar um ensinamento ao filho. Sobre isso Barros (1987) aponta que essa preocupação é comum entre pessoas mais velhas. Isso ocorre devido à idade, onde ocorre sucessivas revisões da vida. Neste momento de vida já existe uma familiaridade com a ideia de fim e com esses anos vividos pode-se proporcionar aos mais jovens um aprendizado de vida. Como a autora explica: “são muitos anos de vida que representam vida vivida, pensada, mudada, projetada durante anos, daí a ideia de vivencia no sentido de conhecer a vida” (1987, p. 95).

Figura 04- Roupas de batismo dos filho de Socorro preservadas desde 1978, 1991 e 1998, respectivamente



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

Lúcia revela que sempre pensou em guardar a roupa de batismo por conta das lembranças contidas na peça:

Isso aqui é um lembrança pra quando ela crescer eu mostrar, tá aqui o seu vestidin, você se batizou com esse vestido (Lúcia entrevistada em 20 de setembro de 2020).

Maria Jovelina também fala das boas lembranças da infância de sua filha que essa roupa lhe traz.

Figura 05- Roupa de Batismo filha de Maria Jovelina preservada desde 1996



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

O ato de preservação de memórias nas mulheres sempre foi algo relacionado ao íntimo e privado. Cabe a elas a transmissão de histórias de família, que geralmente são passadas de mãe para filha. Nas palavras de Perrot (1989, p.15) “às mulheres cabe a transmissão das histórias de família, feita frequentemente de mãe para filha, ao folhear os álbuns de fotografia, aos quais, juntas, acrescentam um nome, uma data, destinados a fixar a identidade já em via de se apagarem”.

A partir das falas das entrevistadas pode-se concluir que elas se enquadram no papel de guardiã das memórias familiares. Para Schneid (2018) o papel de guardião de memórias surge dentro das famílias com o intuito de preservação do passado. A guardiã da memória familiar vai assumir a responsabilidade de cuidar da memória do grupo. Também cabe ao guardião definir como esse acervo familiar será guardado e organizado. Barros (1989), destaca a importância do grupo familiar como principal referência para a reconstrução do

passado. Segundo a autora a isso ocorre devido a família ser ao mesmo tempo o objeto de recordação do indivíduo e também o espaço onde essas recordações podem ser avivadas.

Figura 06- Fotos do batismo filhas de Maria Jovelina e Ritinha nascidas em 1996 e 1998, respectivamente



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020

São várias as motivações que levam o guardião a iniciar sua carreira. Alguns momentos da vida do indivíduo favorecem esse início. Barros (1989) traz alguns exemplos, como o adolescente que se sente sozinho e distante da família, a morte de algum familiar, o casamento e o crescimento do primeiro filho que marca o início de um novo ciclo familiar. Todos esses momentos têm significados subjetivos e marcam momentos que são relevantes para desencadear um processo de busca e pesquisa da memória familiar.

Neste trabalho as guardiãs da memória familiar assumem esse papel em um momento de grande importância para família, o momento do batismo de um filho. As guardiãs colecionam, fotografias, roupas, sapatos, santinhos, santos e móveis. Todos esses objetos reunidos formam um pequeno museu. Halbwachs (1968) ressalta a importância dos “museus

de família” para a preservação de histórias familiares. São as marcas visíveis do passado, testemunho dos “quadros sociais” da memória familiar e coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Normalmente as roupas são estudadas a partir de um olhar superficial. Em que são ressaltados apenas os aspectos práticos ou estéticos da vestimenta. Porém, olhar apenas por este ângulo pode limitar nossa compreensão sobre o universo diversificado e repleto de mistérios no qual nossas roupas estão inseridas.

Neste trabalho busco adentrar no campo da subjetividade, estudando nuances pouco exploradas no campo da moda. As roupas estudadas aqui marcaram um momento especial na vida das entrevistadas, assim conseguem corporificar memórias. A partir dessas lembranças que são tecidas as narrativas, as memórias individuais e coletivas se misturam e através disso as histórias familiares são contadas. Ao relembrar estes momentos de sua trajetória de vida as participantes não estão revivendo-os, mas sim contando com palavras de hoje os acontecimentos do passado.

A partir das entrevistas foi possível estudar a vestimenta a partir diversas áreas, olhando para diversos aspectos como sociais, históricos, culturais e simbólicos. Com isso é possível perceber como certas peças de roupa fogem da lógica consumista no qual estamos inseridos, que tem como foco principal a busca incessante pela novidade e por tendências que surgem todos os dias e quando nossas roupas ficam obsoletas, ou melhor “fora de moda” são descartadas, pois não tem mais valor. Já as roupas preservadas pelas guardiãs, conseguem fugir deste sistema, são peças que estão guardadas a décadas e atendem questões de ordem simbólica, são testemunho de momentos únicos e carregam em si essas lembranças.

A bibliografia estudada serviu como suporte para a fala das entrevistadas. Indo desde a mãe que deseja que seus netos sejam batizados com a mesma roupa de batismo da filha; a que lava a mão com muito cuidado a roupinha dos filhos e por fim temos os filhos que herdaram das mães o carinho e amor por essa essas peças de roupa. Assim, histórias familiares são passadas de geração em geração e o papel de guardiã da memória é transmitido de mãe para filha.

Dessa forma, o trabalho alcançou seu objetivo geral de analisar a preservação de histórias familiares através das peças de batismo dos filhos guardadas por mães. Ao dar voz a estas mulheres conhecemos um pouco de suas histórias de vida. Por meio da análise dessas peças de roupas observamos aspectos que muitas vezes passam despercebidos pelo indivíduo, pois são aspectos de ordem simbólica.

Portanto, a partir das questões discutidas neste trabalho novos caminhos são abertos para estudantes e pesquisadores que se interessam pela temática da memória social e moda. Possibilitando a escolha de novos objetos de estudos e ampliando as pesquisas sobre guardiãs da memória familiar, se aprofundando em suas histórias de vida e explorando outros objetos preservados, não apenas roupas. Estes desdobramentos são algumas possibilidades para serem desenvolvidos em uma pós-graduação.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Júlio César. Batismo e iniciação cristã frente à desinstitucionalização da religião. *In: Estudos Teológicos*. São Leopoldo. v. 52. n° 2. P. 390-402. Jul/Dez 2012. Disponível em: http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/282/404
- ANDRADE, Rita. **Por debaixo dos panos: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos**. Anais do II colóquio de moda. Salvador. 2006. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/coloquio2017/anais/anais/edicoes/2-Coloquio-de-Moda_2006/artigos/100.pdf
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.29-42, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2277/1416>
- . **Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987
- BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema Dos Objetos**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1997
- . **Para uma crítica da política social do signo**. Lisboa: Edições 70, 1972
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. *In: Histórias das mulheres no Brasil*/Mary DelPriore (org.); Carla Bassanezi (coord. De Textos). 7.ed – São Paulo: Contexto, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. 16ª ed. São Paulo: Schwarcz, 2010
- DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006
- FRANCO, Renato e CAMPOS, Adalgisa. Notas sobre os significados religiosos do Batismo. *In: Varia História*. Rio de Janeiro. N° 31. Janeiro de 2004 Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/57ab5a5c579fb31a8797545d/1470847597435/Campos+e+Franco.pdf>
- FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. *In: Histórias das mulheres no Brasil*/Mary DelPriore (org.); Carla Bassanezi (coord. De Textos). 7.ed – São Paulo: Contexto, 2004.
- GIL, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *In: Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. Ano 11. n° 23, p-15-33. Jan/Jun de 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a02v1123.pdf>
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª edição. São Paulo: Revista dos tribunais, 1990

- HOFSTATTER, Leandro O. As crianças e o sacramento da eucaristia. *In: Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v.42, n.1, 2003. Disponível em: http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/586/540
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 3 Ed. São Paulo: Unicamp, 1994
- MALSCHITZKY, Harald. A dimensão missionária do batismo. *In: Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v.25, n.2, 1985. Disponível em: http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/issue/view/103
- MANZINI, E.J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991
- MARCONI E LAKATOS. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003
- MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2008
- SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 17, 2013, Natal – RN, p. 16. NACIF, Paulo César. **Padrinhos, afilhados e compadres: apontamentos sobre o parentesco espiritual contraído pelo ritual católico do batismo no âmbito do Antigo Regime**^{1*}. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364763431_ARQUIVO_anpuh-paulocezarmirandanacif.pdf
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2007
- . Práticas da memória feminina. *In: Revista Brasileira de História*, São Paulo, v-9, n° 18, pg 09-18, agosto/setembro de 1989. Disponível em: <file:///C:/Users/crisn/Downloads/michelleperrot.pdf>
- TRIVINÕS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais a pesquisa qualitativa em educação**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1987
- SANTOS, Rafaelli. **Memórias Póstumas: O Simbolismo da roupa após a morte**. 2017. 15 f. (Graduação em Design-Moda) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017
- SCHNEID, **Frantieska Huszar. Vestidos da memória: os registros de casamento em um álbum de família**. 1ª ed. Curitiba: Editora Prismas, 2018
- SILVA, Mariângela. **Ritos, rituais e cerimônias e suas implicações políticas nas organizações contemporâneas**. Londrina, 2008. Disponível em: http://www.abrapcorp.org.br/anais2008/gt2_benine.pdf . Acesso em: 10/06/2019
- SOIHET, Raquel. Mulheres. Mulheres pobres e a violência no Brasil urbano *In: Histórias das mulheres no Brasil*/Mary DelPriore (org.); Carla Bassanezi (coord. De Textos). 7.ed – São Paulo: Contexto, 2004.

STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

SVENDERSEN, Lars. **Moda Uma Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: Receptáculo de memórias: simbolismo das roupas usadas na cerimônia de batismo em São Gonçalo do Amarante-CE

Eu, Crisna Sampaio Lima, aluna do curso Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, venho solicitar a _____ autorização para o uso de seu nome e dados fornecidos em entrevista semiestruturada, assim como o uso de imagens contidas em álbuns de família para enriquecer a pesquisa monográfica “Receptáculo de memórias: simbolismos das roupas usadas na cerimônia de batismo em São Gonçalo do Amarante-CE”. A monografia tem como intuito compreender a preservação de histórias familiares através das peças de batismo dos filhos guardadas por pais. Todos os dados e imagens serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

_____, ____ de _____ de 2020.

Nome do Pesquisador

Nome do Concessor

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

NOME:

1. Identificação do perfil socioeconômico do entrevistado
 - a) Idade
 - b) Escolaridade
 - c) Profissão

FAMÍLIA

2. Você foi criada em uma família tradicional católica?
3. A sua educação foi conservadora? Existia diferença na educação das meninas e dos meninos?

RELIGIOSIDADE

4. Você frequenta a igreja católica?
5. Acha importante participar dos rituais católicos, como batismo?
6. Porque decidiu batizar seu filho?

MEMÓRIAS

7. Porque guardou a roupa de batismo?
8. Quais lembranças essa roupa lhe traz?
9. Já tinha o hábito de guardar roupas antigas?